

## Pequenos tesouros do Cemitério da Quarta Parada

MIRTES TIMPANARO\*<sup>1</sup>

O nome Quarta Parada não foi o escolhido pela Câmara Municipal de São Paulo, seu nome oficial era Cemitério do Brás e atendia, portanto, ao distrito do Brás que em 1890 abarcava além de sua própria população a população dos futuros distritos do Belenzinho, da Mooca e do Pari, enfim das terras que ficavam do outro lado da várzea do Tamanduateí. Porém a população o apelidou de Quarta Parada por se localizar próximo à quarta parada do trem que viajava em direção ao Rio de Janeiro (Estação Ferroviária do Norte ou Estação Ferroviária São Paulo-Rio), parando antes no município de Cachoeira Paulista onde com bitola métrica encontrava-se com a Estação Ferroviária Dom Pedro II que vinha do Rio de Janeiro. A primeira parada era contada na estação de trem do Brás.

Essa região, o lado de lá do rio, ainda em 1944 era definida da seguinte forma pelo “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro:

*“Entre a cidade e o Brás, aparentemente apenas há um riozinho, o Tamanduateí, prosaico e barrento, correndo em um canal. Mas, na verdade, entre a cidade e o Brás há separações mais profundas. É como se fossem duas cidades distintas.”.*

Lugar de operários, de imigrantes, o Brás carregava dentro de si, pela própria distância da região da cidade, a vocação para ser o lugar das fábricas, o lugar do trabalho, o lugar daqueles que viveram para fabricar os produtos que seriam vendidos aos que se encontravam do lado de lá do rio.

Por seu afastamento da região central e, portanto do Cemitério da Consolação (antigo Municipal) e do Cemitério Municipal (atual Araçá), a fundação do Quarta Parada, em 1893, em contrapartida ao da Consolação, foi desejada. A população da região há muito pedia um cemitério próprio, bem ao contrário das discussões em jornais, e das brigas populares pela manutenção dos sepultamentos nas igrejas quando da inauguração da Consolação, o primeiro cemitério municipal entre muros de nossa cidade. Em 1889 um abaixo-assinado foi enviado ao Presidente a aos vereadores da

---

<sup>1</sup> Professora de História da rede pública e privada. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.

Câmara Municipal pedindo um cemitério para a região do Brás, explicando os transtornos de transportar seus mortos de um lado a outro da cidade.

As reclamações foram ouvidas e em seis de janeiro de 1893 na Quadra Geral 1, Terreno 1, dá-se o primeiro enterro, o de um homem chamado Benedito. O Cemitério do Brás, o nosso Quarta Parada, iniciava seus trabalhos e passava a atender a população local. Sua entrada ficava na Rua Tobias Barreto. Hoje a prefeitura de São Paulo dá como endereço do cemitério a Avenida Salim Farah Maluf (na parte de baixo do cemitério próximo ao velório) assim como o identifica oficialmente como Cemitério Quarta Parada. A vontade popular prevaleceu.

Em busca dos pequenos tesouros é preciso atravessar o portão principal, o antigo portão principal, e logo na entrada já observar o encontro de tendências artísticas, existentes neste e em outros cemitérios da cidade. Já avistamos anjos de asas caídas apontando tristemente para o túmulo que está a seus pés, mais à frente e ainda à esquerda o anjo menina reportando à presença de uma criança, *a querida filhinha Alba*, na rua central temos o túmulo da família Colombo Leoni, com uma linda escultura de Maria, mãe de Jesus, sendo consolada por duas outras mulheres diante do filho carregando a cruz. O túmulo não trás fotos da família mas aponta para uma forte religiosidade, marca dos imigrantes que conseguiram colocar seus túmulos neste local de destaque e que era visto por todos que entravam no cemitério. Ainda olhando para o lado direito desta rua central podemos ver túmulos em estilo Art Déco, túmulos grandiosos como os da família Cardamone e da família José Cirillo, e o jazigo Silva Campanella em que a figura de São Pedro na sua tradicional posição, segurando seus escritos e as chaves do céu debaixo de um arco pode ser comparada a outras imagens encontradas, por exemplo, no cemitério da Consolação (túmulo da família Pascarelli).

Uma característica muito singular do Quarta Parada é a profusão de túmulos onde seus ornamentos são feitos com azulejos. Não qualquer azulejo, mas azulejos pintados com os motivos mais variados: Nossa Senhora de Aparecida, São Jorge, Nossa Senhora de Fátima, Jesus Cristo em diferentes situações e muitos outros temas. Esses azulejos são a marca de um tempo, de uma escolha, em que em vez de esculturas as famílias davam voz a outra arte, muito antiga por sinal, a da pintura em azulejos. Uma boa parte desses painéis é assinada por Zucca S/AA, Agatti e Sarajá provavelmente o nome dos azulejistas, ou de seus ateliês, que forneciam esse serviço às famílias da região.

Vale chamar a atenção que muitos painéis feitos de azulejo também eram utilizados para ornamentar a entrada externa da casa, mais precisamente nas garagens, próximo ao jardim, em bairros como o Tatuapé, vizinho do Quarta Parada. Esses são os tesouros iniciais que já encham os nossos olhos logo que adentramos no cemitério, mas a proposta aqui não é dar conta de todos eles. Escolhi algumas pequenas preciosidades para fazer parte deste trabalho e aguçar o desejo de saber mais sobre esse cemitério tão familiar e que um dia foi tão distante do centro de São Paulo.

### **O tesouro da família Ramondini**

Túmulo retangular reproduz na sua parte de cima pedras em coluna cortada e retrata a morte precoce, provavelmente da esposa. Uma pomba repousa sobre a coluna, figura representativa de paz, tranquilidade e também do Espírito Santo, sugere trazer reconforto a quem foi e a quem ficou. A memória imigrante, pessoal, emocional na perda se faz com seus dizeres em italiano, mais precisamente num manuscrito em italiano.

*Sol chi non lascia eredità d'affetti*

*poca gioia ha dell'urna, e se pur mira*<sup>2</sup>

*(Ugo Foscolo. Poeta e escritor italiano do final do século 18 e início do 19)*

A mensagem e a imagem da perda são colocadas praticamente ao lado da capela central, aquela que fica logo em frente na antiga entrada do cemitério. Quem entra e segue à direita da capela não passa sem ver a dor de Arthur Ramondini e seus filhos.

### **O tesouro de D. Giuseppe Ahcli.**

Túmulo aparentemente abandonado, mas que ainda mantêm as características do início deste cemitério. Ele é composto de um quadrado de concreto com uma cruz, ao centro, e de três suportes de correntes – usadas no passado para proteção do túmulo – uma coluna cortada apresentado em sua base uma fotografia, provavelmente de Giuseppe Anclli, em porcelana, ao lado encontramos um anjo orante. Túmulo simples, onde a memória pessoal estabelece-se única e exclusivamente por um nome e por uma

---

<sup>2</sup> *Somente aquele que deixa legado de sofrimento pouco de alegria em: e se ele procura*

fotografia. Não é um homem famoso, um presidente, um industrial, é um imigrante morador nas redondezas que ainda mantém sua memória neste espaço.

### **O tesouro da Inolvidável Eugenia.**

Fotografias em branco e preto ladeiam o túmulo em pequenas molduras incrustadas no cimento, uma característica da Quarta Parada. No centro do túmulo, rodeada por anjos pintados no azulejo temos a foto de Eugenia acompanhada por um soneto de Camões.

“Alma minha gentil que te partiste  
Tão cedo d’esta vida descontente  
Repousa lá no céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste!

Se lá no assento Ethéreo, onde subiste,  
Memória d’esta vida se consente  
Não te esqueças d’aquelle amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da magoa sem remédio de perder-te

Roga a Deus que teus annos encurtou  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quao cedo nos meus olhos te levou!

Nada mais pessoal do que a declaração pública de amor ardente e o pedido de ser levado o mais cedo possível para encontrá-la novamente. Tudo isso carregado pelo adjetivo Inolvidável<sup>3</sup>.

### **O tesouro da família Antico.**

Um túmulo belíssimo, porém um tanto escondido, se destaca entre os túmulos do Quarta Parada. Sobre ele encontramos uma Alegoria da Desolação, uma pranteadora, segurando flores, em mármore branco, é uma das raras figuras em art nouveau e em

---

<sup>3</sup> Inesquecível, que não se esquece.

mármore branco, pois a imensa maioria de anjos pequenos ou grandes, alados ou não, Nossas Senhoras, santos e etc., são feitos de cimento, muitos dos quais estão pintados de tinta dourado e prateada.<sup>4</sup> Esta alegoria ajoelhada ao túmulo em muito lembra as inúmeras alegorias de desolação existentes na Consolação. Esta família imigrante ousou dentro do Brás. Buscou se diferenciar das demais sepulturas, mostrando um gosto diferente, porém hoje ela se encontra perdida entre vários túmulos que a cercam.



**Família Antico**

### **O tesouro da família Biagini**

Em vez de uma imagem religiosa a família Biagini preferiu uma alegoria feminina, se destacando, como o túmulo anterior, dos demais existentes no cemitério. Representa a Alegoria da Saudade. Ela está de pé apoiada a uma coluna cortada ao meio, simbolizando a morte prematura de alguém. A alegoria fixa seus olhos na sepultura, lembrando e lastimando por quem está ali.

### **Os tesouros da ala antiga.**

Próximo a uma de suas entradas originais, hoje fechada, encontramos a rua 1 e nela percebemos que muitos dos túmulos se encontram abandonados. Chama atenção um aspecto histórico dessa rua, o de estar num lugar mais alto, pois se acreditava que os túmulos deveriam ser colocados em áreas elevadas para que os ventos ao passarem

---

<sup>4</sup> Os donos dos túmulos têm a liberdade de pintá-los, de conservá-los da forma que bem entendem. Por isso que, vez ou outra, topamos com um túmulo pintado de um azul mais forte, ou de amarelo, ou ainda com um grafite. É a liberdade do dono da “casa” de fazê-la mais bonita.

levassem seus odores para longe dos vivos. Nessa ala encontramos o **túmulo da Família Quaresma**, com sua Alegoria da Morte, um anjinho, ou melhor, uma menininha deitada num colchão de cimento, repousa sua cabecinha num travesseiro. Essa imagem lembra em muito as fotografias de mortos tiradas no século XIX, muito recorrente com crianças, e que dão a elas a aparência de estarem apenas dormindo.<sup>5</sup>



**Túmulo da Família Quaresma**

**O túmulo do Dr. Monsenhor Anacleto José Ribeiro Coutinho**, um religioso enterrado num cemitério público, num túmulo com características do final do século XIX. A imagem que está sobre o túmulo, um anjo espreme-limão, ou anjo orante, sem asas olhando para o céu. A intenção de uma imagem como essa é de representar uma oração permanente a Deus por aquele que se foi. Há em torno da sepultura um gradil que protege o túmulo. São os vivos protegendo-se dos mortos, e porque não, os mortos protegendo-se dos vivos. Uma imagem que se repete em vários cemitérios do Brasil nesse período. **O túmulo da família Bossa** com o seu anjo alado em um nicho-colunado. Esta figura é também muito recorrente no final do século XIX (o túmulo da Marquesa de Santos, 1867, na Consolação, possui um anjo alado no nicho-colunado bem parecido com este). Transmite beleza e doçura com o anjo segurando flores e protegido do sol.

---

<sup>5</sup> Artigo de Jay-Ruby, Retratando os mortos, In *Imagem e Memória: ensaios em antropologia visual*. Organizado por Mauro Guilherme Pinheiro Koury, 2001: 95-111.

### **O tesouro do alemão Christiano Endres.**

Um túmulo belíssimo, porém praticamente encaixotado pelos túmulos vizinhos. Uma das primeiras sepulturas do cemitério da Quarta Parada, o túmulo do alemão Christiano Endres, sepultado em 11 de janeiro de 1897, na Quadra geral (6ª) dos adultos, sepultura nº 148 – antiga divisão do cemitério – aos 74 anos, motivo da morte: coração<sup>6</sup>. A alegoria semi-ajoelhada pede, com doçura, aos céus pela alma dos que estão ali. A imagem já possuiu várias colorações. Esverdeada pela ação do tempo no metal. Mais escurecida quando limpa. Dourada pela ação da pintura feita sobre ela. Seja como for essa é uma imagem em que os visitantes possuem certa liberdade em interferir em seu conjunto, de incrementá-la um pouco mais. Já foi encontrado em suas mãos um rosário, um ramallete e até mesmo uma rosa de plástico vermelha.

### **O tesouro da família Chiconetto Elavísio.**

Túmulo ladeado por anjos protetores, alados e orantes. Espanta o fato que um deles quase passa despercebido pelo fato de estar praticamente emparedado com o túmulo vizinho, o que nos faz pensar em duas possibilidades: a primeira a de sua construção ter sido anterior à do túmulo ao lado e, portanto o jazigo foi realizado para ser visto por todos os lados, e a segunda a de sua construção ter sido feita assim mesmo grudada um no outro, mas mantendo o conjunto de dois anjos guardando o túmulo.

Este túmulo apresenta duas curiosidades. A primeira a de trazer na sua porta a imagem de uma catedral, mas qual catedral? Não sabemos. Pode ser qualquer uma, e traços de várias delas em uma só. A segunda curiosidade reside na semelhança deste túmulo com o da família Abdalla Azem, no cemitério da Consolação. Os mesmos anjos, o mesmo tamanho só com a diferença de não estarem emparedados. Podemos rodear o túmulo e ver os anjos em sua função protetora sem se sentirem pressionados pelo muro do vizinho.

### **O tesouro da família LLimones.**

O túmulo em si é simples, se não fosse pelo pensador que se encontra em cima dele. É uma clara referencia ao pensador de Rodin. Um pensador de tamanho quase natural pensando... Pensando no que? Na morte, na família que ali está, na vida fora das

---

<sup>6</sup> Livro de inumação nº 35 – Brás – Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís” (AHWL)

portas do cemitério? Uma estátua que nos faz pensar o porquê de uma família escolher em vez de uma imagem sagrada a imagem de um pensador, de um homem comum, mas ao mesmo tempo com uma forte referência artística.

### **O tesouro de Padre Adelino.**

Uma pequena placa de porcelana identifica o local, acompanhada de uma também pequena estátua de Santo Antônio. A importância do túmulo está na figura desse padre, Adelino Jorge Montenegro, que passeava de charrete pelo Tatuapé, na região hoje conhecida como Gomes Cardim, nome do engenheiro que mapeou e definiu as ruas que formam esta parte da zona leste, e era um devoto de Nossa Senhora do Bom Parto, tanto que desejava erigir uma capela em seu louvor. Se ele foi o responsável ou não por isso o fato é que, para quem é da região sabe, hoje o Tatuapé possui a Igreja Nossa Senhora do Bom Parto, localizada na Praça de mesmo nome. Antes dessa igreja, sobre a praça, uma capela de mesmo nome foi construída, mais tarde demolida e substituída por essa Igreja maior. Padre Adelino foi também zelador da capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição, na atual Praça Silvio Romero, em 1902. Faleceu em 28 de dezembro de 1909.

Padre Adelino é hoje o nome de uma importante rua que liga a Praça Silvio Romero (no Tatuapé) à Avenida Salim Farah Maluf, e de um complexo viário com a finalidade de facilitar o trânsito entre os bairros do Tatuapé, Belenzinho, Mooca e todos eles ao centro, ou como ainda muitos dizem à cidade (resquícios de um passado próximo em que o centro parecia tão distante que as pessoas dos bairros diziam ir à Cidade quando iam para a Praça da Sé, Praça da República e adjacências).

### **O tesouro dos cinco túmulos-capela.**

Esses túmulos mostram uma característica importante do cemitério da Quarta Parada: as ruas do Tatuapé, do Belém, da Mooca ou do Brás transportadas para dentro do cemitério. Os túmulos parecem as pequenas casas operárias de porta na rua tão comuns, e ainda presentes, nos bairros que antes faziam parte do Brás. No alto dos túmulos sobrenomes italianos ao lado de portugueses “convivendo” lado a lado como suas famílias o faziam nos bairros de origem (Bellazaima, Tibério, Carvalhinho, Iazetti e Ferreira Dias). As memórias aqui não estão representadas pela imagem da tristeza, da



saudade ou da reflexão, são as memórias do morar, da convivência existente fora, transferida para cá. A vida compartilhada antes na conversa pelos muros do quintal é agora compartilhada nas ruas do Quarta Paradas. Estes cinco túmulos muito parecidos se diferenciam pelas cores, por pequenos detalhes aqui e ali e pelos anjos ou santos protetores colocados sobre eles.

### **O tesouro de César Casali.**

Um túmulo que falta um rosto. Era a figura do patriarca César Casali. Sua efígie se destacava no alto do pedestal, e sobre ele delicadamente um tecido descia, quase cobrindo o seu rosto. Ele possuía barba e bigodes vastos e bem feitos, cabelos bem penteados para trás, bem trajado, rosto forte com o olhar firme e distante. Ladeando o pedestal ainda encontramos dois vasos contendo chamas acesas. As chamas possuem vários significados como o de iluminar, proteger e acompanhar os mortos, neste caso as chamas são para ele o patriarca “ausente”, e não para toda a família. Era ele que estava no altar.

### **O tesouro do Leão.**

O túmulo do Leão como ele é conhecido no cemitério, tão importante que virou uma referência de localização, a rua do Leão, pertence à família Rosson. Não possui datas, não possui fotos, nem mesmo nomes, salvo o da família no alto. O brasão ao centro do jazigo, gasto pelo tempo, sugere a existência de um título, muito peculiar para um cemitério como a Quarta Parada. O túmulo possui um alpendre, mais parecendo um templo aberto, em que repousa um leão prateado. O leão é sinônimo de força e realeza. O leão guarda os mortos desta família, que tentou trazer para dentro deste cemitério um toque de realeza. Hoje sem tanto brilho ele abriga os sinais daqueles que tomam a liberdade de deixar inscrições neste lugar.



**Túmulo da Família Rosson**

### **O tesouro da família Gaetano Cardamone.**

Construção em granito e alto-relevo, em bronze, assinado pelo escultor Armando Zago, que também possui esculturas no Consolação. O maior túmulo do cemitério, pensando em suas dimensões totais, parece ter sido abandonado pela família, porém ainda está carregado da imponência e da beleza de sua construção. Em seu interior ainda é possível ver a existência de uma pequena cripta. Nela três grandes placas de mármore, como túmulos na parede, indicam os nomes de seus habitantes. Em dois deles podemos ler o local de nascimento, um em Malito Prov. De Cosenza/Itália (1872) e outro em S. Domanico Prov. De Cosenza (1880) e ambos falecidos em São Paulo, apenas São Paulo, não São Paulo /Brasil, esse apenas São Paulo nos faz pensar que a cidade em si, para esses imigrantes, era sentida e vivida como um novo país. Esses imigrantes estavam em uma terra tão distante da sua que a ideia de Brasil se restringia a um mundo chamado São Paulo.

No interior da capela temos a presença de um busto em madeira e bronze com as seguintes inscrições:

FILI REDEMPTOR MUNDI DEUS  
MISERE NOBIS.<sup>7</sup>

Externamente o jazigo traz imagens religiosas – Jesus Cristo descido da cruz -, duas guardiãs segurando a chama eterna, como eterna também é a grande chama, em bronze, sobre a cúpula do jazigo. Luz para iluminar os mortos desta família, luz para iluminar a memória desta família, vinda da Calábria, que passou por esta região na

---

<sup>7</sup> Filho Redentor do mundo que sois Deus. Tende piedade de nós.

primeira década do século XX, e deixou neste cemitério o desejo de ser vista e reconhecida. O túmulo impressiona pelo seu tamanho e pela dificuldade em fotografá-lo por inteiro, ao seu redor uma grande quantidade de sepulturas dificulta um olhar mais distanciado. Ele possui belos detalhes como os rostos dos personagens que colocam Cristo cuidadosamente no chão enquanto Maria, mãe de Jesus ali logo atrás espera para poder abraçá-lo ainda uma última vez.

### **O tesouro dos pequenos anjos.**

São os pequenos anjos que se encontram no meio do caminho, literalmente no meio do caminho. Preciosidades que podem passar despercebidas como pequenos obstáculos a serem pulados ou desviados. São sepulturas perpétuas, hoje no meio da rua, em que antes funcionava a quadra geral dos anjos menores. Em algumas encontramos placas de agradecimento por graças alcançadas. São placas datadas da década de trinta e que, por algum motivo, não continuaram a aparecer depois. Nem todas as sepulturas possuem identificações de quem são as crianças, nome data e idade. Essas sepulturas são traços de outro cemitério, são evidências arqueológicas que nos faz perceber que um cemitério foi gradativamente sendo substituído por outro. O primeiro, das antigas quadras divididas em Quadra dos Anjos Pequenos, Quadra dos Anjos Grandes, Quadra Geral dos Adultos e Quadra Geral dos Fetos, em que a visibilidade dos túmulos era marcada por pequenas construções, como estas, e por cruzeiros, e o de hoje com ruas e quadras recheadas de túmulos de todos os tamanhos, cores e estilos.

### **O tesouro da família José Cirillo.**

Construção em Mármore e bronze aproxima-se da família Gaetano Cardamone na intenção de marcar a diferença desta família com os demais ocupantes deste cemitério. O nome da família se encontra no alto, sobre a entrada do túmulo. À frente ladeando a porta da entrada vemos dois nichos vazios, onde antes havia Santa Terezinha à esquerda e São José com o menino Jesus à direita. Nem sempre a intervenção dos vivos é positiva num túmulo, por vezes elas podem ser invasivas a ponto de descaracterizá-lo. Neste caso as imagens desapareceram, foram levadas. No passado os vivos se protegiam dos mortos e de seus odores cercando e colocando-os longe dos olhos, longe de suas vidas.

No presente os muros parecem mais uma tentativa de proteger os mortos das mãos dos vivos.

No alto, ainda é possível ver Jesus Cristo em posição de benção e ao seu lado esquerdo, uma tocha acesa. Ocorreu com este túmulo o mesmo fenômeno do túmulo da família Cardamone, a quantidade de túmulos que foram gradativamente ocupando espaços ao seu redor o sufocou.

### **O tesouro da família Jav(y)anoviche.**

Um túmulo cigano. Ele não é grande, não é suntuoso, não trás esculturas elaboradas, nem anjos protetores. Estamos diante de uma velha cigana sentada num banco pintada no azulejo, com seus colares, pulseiras, seus anéis, e seu turbante. Ao redor da imagem temos as fotos dos integrantes da família. Fotos maravilhosas que revelam a identidade cigana circulando pela família através do tempo. Essa é a representação da liberdade existente dentro dos cemitérios. Não é preciso seguir esta ou aquela religião, ter este ou aquele santo protetor, ali é permitido a leveza das mulheres de branco, sinuosas sobre os túmulos, assim como é permitida a reverência à velha cigana que está ali sentada protegendo e zelando por todos.

### **O tesouro perdido de Hermes Mourão.**



**Túmulo do soldado Hermes Mourão, ainda com o busto sobre o pedestal.**

O soldado desaparecido. Uma das muitas homenagens feita aos jovens que morreram nos combates do movimento constitucionalista de 1932. Neste caso a um jovem em especial, o soldado Hermes Mourão Borges, morto em 9 de setembro de 1932. O túmulo hoje possui apenas o pedestal que um dia sustentou o busto, em bronze, feito em homenagem ao soldado. Na placa que antes guardava seu corpo podia ser lido sobre o herói: *Valente em Guaxupé, heróico em Pedro Moraes e Queluz, Hermes fôí destemeroso até a loucura na frente mais avançada de combate, nas escarpas adustas do batedor onde dominou a mocidade vibrante do Major Azeredo*. A placa se encontra escondida dos olhos de todos dentro do túmulo, uma tentativa dos funcionários do cemitério de evitar o mesmo destino de seu busto, o desaparecimento.

Muitos são os tesouros ainda a serem encontrados, pensados e estudados, neste cemitério, basta perder-se por suas ruas, como um flâneur e topar aqui e ali com um túmulo recém-pintado, uma pintura em azulejo como o da santa popular, a menina Isildinha, azulejos dos mais variados tamanhos e motivos, estátuas que nos encontramos numa virada de rua, o túmulo de Vicente Matheus, presidente do Corinthians por anos a fio, o túmulo do operário Manuel Fiel Filho, morto no período da repressão em 1976, enfim com histórias que fazem parte da história da cidade de São Paulo, e que estão intrinsecamente ligadas à história do Brasil, e que podem ser resgatadas através de um olhar cuidadoso sobre o Quarta Parada.

Este cemitério, sobretudo sua ala mais antiga, tem um ar caseiro, familiar. Sem a imponência de um Cemitério como o Consolação, ele trás a doçura dos bairros operários, do que sobrou desses bairros, e das famílias que os habitavam. Isso é percebido pela presença de túmulos capelas que em seu interior encontramos uma cadeira, uma toalhinha muito bem posta, por vezes amarelada, porta-retratos sobre a mesa, vaso com flores de plástico, dando sinais de um lugar cuidado e habitado. Ao percorrer as ruas do Tatuapé, do Belenzinho, da Mooca e do Brás encontramos calçamentos e revestimentos que em muito se assemelham aos encontrados nos túmulos do Quarta Parada, e mais encontramos janelas abertas e em seu interior podemos ver toalhinhas brancas, repletas de porta retratos, e vasos com flores, algumas de plástico.

Túmulos e casas, vivos e mortos é a necrópole imitando a acrópole. Basta ter olhos e coração para ver.